

# Diálogo intercultural em imagens

uma análise da coleção “Poka Pokani”



**Maria da Conceição Tomé<sup>2</sup>**

mconceicao.tome@eidh.pt

**Glória Bastos<sup>1</sup>**

gloria.bastos@uab.pt

---

## Abstract

Através das imagens podemos conhecer outras culturas e contactar com outros povos. Nos livros para crianças as ilustrações podem assim desempenhar um papel central enquanto elementos que colocam em contacto os jovens leitores com os universos representados através da imagem, constituindo “janelas” para um diálogo intercultural. Neste artigo analisam-se as relações entre a literatura infantil, e em especial o papel das ilustrações, no contexto do diálogo e da educação intercultural. Examina-se em particular o projeto desenvolvido pela escritora e ilustradora Margarida Botelho, denominado “Poka Pokani”. No âmbito desse projeto foram até ao momento publicados três livros onde, através do texto e de ilustrações profusas, baseadas numa técnica mista, se narram episódios localizados em diversos continentes que permitem às crianças conhecer espaços e modos de vida diferentes, aliando a dimensão estética à ética e à cultural para ampliar a compreensão do mundo.

## Keywords

literatura infantil,  
ilustração, diálogo  
intercultural, coleção  
“Poka Pokani”

**1.** Universidade Aberta,  
CEMRI, Rua da Escola  
Politécnica, 147, 1269-  
001, Lisboa, Portugal

**2.** Agrupamento de  
Escolas Viseu Sul,  
CEMRI, Rua da Escola  
Politécnica, 147, 1269-  
001, Lisboa, Portugal  
mconceicao.tome@  
eidh.pt

## 1 · Introdução

O lugar da literatura para crianças no campo formativo e pedagógico tem sido largamente discutido e explorado. Tendo em atenção o leitor-indivíduo em desenvolvimento, que é a criança, torna-se inevitável considerar o papel que os livros que a tomam como destinatário privilegiado desempenham na sua formação, em termos individuais e sociais. Diversos estudos têm assim assumido a importância da literatura para os mais novos no seu processo de socialização. Se as artes, em geral, e a literatura, em particular, permitem, através da experiência vicária, sentir as emoções do outro e têm um importante papel na nossa percepção sobre as pessoas que nos rodeiam, como sublinha Martha Nussbaum, no seu livro *Cultivating Humanity* [1], ao dissertar sobre a “narrative imagination”, estas dimensões ganham especial relevância quando consideramos a escrita para crianças e a forma como estas se poderão relacionar com as mensagens que lhes são oferecidas através dos livros.

No caso dos álbuns, em que o texto verbal e o texto visual estabelecem sinergias significativas na construção dos sentidos pretendidos, estaremos perante uma dupla influência: ilustrações e palavras que confluem na construção de imagens e de percepções sobre o mundo. Considerando a proposta de definição de Arizpe & Styles [2] para o “picturebook”, como “a book in which the story depends on the interaction between written text and image and where both have been created with a conscious aesthetic intention”, podemos também acrescentar que a essa intenção estética consciente se pode juntar um projeto educativo. É esta situação que procuraremos explicar através de uma análise dos livros da coleção “Poka Pokani” ([3], [4], [5]), da autoria de Margarida Botelho. No âmbito de um projeto desenvolvido por essa autora/ilustradora foram até ao momento publicados três livros onde, através do texto e de ilustrações profusas, baseadas numa técnica mista, se narram episódios localizados em diversos continentes que permitem às crianças conhecer espaços e modos de vida diferentes, aliando a dimensão estética à ética e à cultural para ampliar a compreensão do mundo.

## **2 - Literatura infantil e interculturalidade: relações e potencialidades**

Perspectivando de modo mais concreto o papel dos livros para crianças no campo dos estudos interculturais, poderemos afirmar, com Morgado e Pires [6], que a literatura infantil pode constituir-se como “um espaço de representação da diversidade cultural que nos rodeia, de muitas vozes que falam directamente ao intelecto de leitores sobre muitas coisas, de forma variada”, assumindo-se assim como um caminho privilegiado no âmbito da educação intercultural. Como tem sido estudado, em especial no panorama internacional mas também em Portugal, a literatura pode contribuir para o desenvolvimento de atitudes de respeito, compreensão e aceitação das diferenças culturais e étnicas (para o contexto português veja-se, por exemplo, [7], [8] e [9]) sendo, como se referiu, uma das “portas” de acesso à compreensão do mundo.

De facto, é importante considerar que a abertura à diversidade, à existência de diferentes modos de viver, de olhar e de compreender o mundo constitui uma capacidade fundamental na sociedade atual, marcada pela elevada mobilidade dos indivíduos e pelo estabelecimento de relações à escala global. Assim, é importante que a criança aprenda a considerar e a reconhecer pontos de vista diferentes, contribuindo-se desta forma para expandir o seu sentido de justiça e de equidade. Orientar as crianças na construção do seu conhecimento sobre o seu lugar na sociedade em que vivem e sobre as outras realidades que existem no nosso mundo é ajudá-las “distinguish between useful cultural expectations and harmful restrictions of stereotyping for both themselves and others.” [10].

Neste contexto, os livros ilustrados para crianças podem constituir um elemento relevante para o seu desenvolvimento, em particular as histórias que encorajam as crianças a desenvolver o pensamento crítico, a compreender e a apreciar as diferentes culturas. Quando consideramos o caso dos livros ilustrados multiculturais, isto é, livros que através do texto e da imagem apresentam personagens representativas de culturas diversas daquela em que o leitor está situado, o potencial oferecido para uma educação aberta a olhares e a vivências diferentes dos nossos certamente que aumenta.

Neste âmbito, cabe uma referência breve aos propósitos da

educação intercultural, que serve também de enquadramento aos comentários que aqui se pretendem tecer. Recordemos, em primeiro lugar, que um dos quatro pilares para a educação, que foram apresentados no relatório da UNESCO sobre educação para o século XXI [11], é “aprender a viver com o outro”. Esse relatório afirma claramente que “the task of education is to teach, at one and the same time, the diversity of the human race and an awareness of the similarities between, and the interdependence of, all humans”. Essas ideias são desenvolvidas em vários documentos internacionais, mas podemos citar as orientações da UNESCO sobre Educação Intercultural [12], porque os seus princípios sublinham a importância de incorporar no ensino e na aprendizagem materiais que contribuem para a descoberta da diversidade cultural e do seu valor positivo e também materiais que apresentam as experiências dos alunos. O sistema educacional deve desenvolver competências interculturais nos mais novos, a fim de criar relações sociais harmoniosas. Neste sentido, espera-se, por exemplo, que as escolas implementem práticas que promovam nas crianças o pensamento crítico e reflexivo sobre estas questões. Tomando como exemplo os livros ilustrados, recordamos que estes constituem fontes significativas para desenvolver a compreensão visual e estética. Através dos livros ilustrados multiculturais, enquanto artefactos sociais e culturais, podemos colocar as crianças perante figuras e ambientes diversos dos seus: “Multicultural picturebooks can help to give children at least the flavour of another way of perceiving life. [13]. Podemos usar o potencial oferecido por estes livros para envolver as crianças nas preocupações, valores e problemas comuns a todos os humanos, quer possam estar situados noutra cidade ou no outro lado do mundo. Os livros ilustrados multiculturais oferecem imagens, ideias, modelos e múltiplas perspectivas sobre as coisas e o mundo, “In the absence of, or in conjunction with real-life role models, multicultural literature can be a powerful tool for promoting cultural understanding” [13].

### **3 · A coleção “Poka Pokani”: um projeto intercultural**

A coleção “Poka Pokani” é constituída, até ao momento, por três títulos, designadamente Eva/Eva, Yara/Iara e Lya/Lia. Esta

coleção é parte integrante de um projeto artístico de intervenção comunitária denominado Encontros, cuja criação se baseia em histórias pessoais, originárias de países de língua portuguesa e outros.

Em 2009, Margarida Botelho inicia o Encontros com o apoio do Programa INOV-ARTE da dgARTES e da Unesco. Neste projeto, simultaneamente estético e pedagógico, através de palavras e desenhos dos vários participantes locais e de fotografias que espelham o quotidiano por eles representado, os leitores podem “olhar de perto para uma cultura distante”, segundo palavras do site da autora. Esta visão é consubstanciada num livro que documenta alguns elementos de uma rotina muito distante das vivências das crianças europeias, permitindo uma aproximação de realidades muito diferentes [14].

O primeiro destes encontros teve lugar em Moçambique, num campo de refugiados, e daí resultou o livro *Eva/Eva*, publicado em Portugal e no Brasil. Os Encontros percorreram já outros locais, nomeadamente Goa, Amazônia e Timor-Leste, tendo originado outros dois livros: *Yara/Iara* e *Lya/Lia*. *Yara/Iara* resultou da vivência da autora, em agosto de 2012, acompanhada de Mário Rainha Campos, em Kararaô, uma aldeia indígena da etnia kayapó na bacia do rio Xingu na Amazônia, no estado brasileiro do Pará, sendo um dos livros recomendados pelo Plano Nacional de Leitura para apoio a projetos sobre cidadania. *Lya/Lia* é o corolário da passagem dos dois educadores, entre julho e agosto de 2013, pela ilha de Atecru, uma pequena e ainda isolada aldeia piscatória situada na costa norte da ilha de Ataúro, em Timor-Leste.

Todos os títulos, através de jogos de semelhanças e contrastes, narram, reproduzindo os seus momentos mais significativos, o quotidiano de duas meninas, uma delas europeia e a outra originária da zona onde se concretizou o projeto Encontros, iniciando-se as histórias das duas personagens de cada um dos lados do livro. As protagonistas encontram-se, não fisicamente, mas simbolicamente a meio do livro e, do mesmo modo, os leitores com ambas, uma vez que lhes é proposto uma espécie de jogo da glória, o “jogo do encontro”, com o objetivo de os leitores/jogadores incarnarem cada uma das personagens.

Referindo-se aos dois primeiros títulos, Margarida Botelho

sublinha:

*Ambos os livros foram feitos já em Portugal e a partir de imagens, cenas que tinha trazido na memória, começaram sempre pelo lado do outro, no caso de Moçambique pelo lado da Eva moçambicana e, no caso da Amazónia, pelo lado da Yara indígena. Essas cenas correspondem a episódios que foram não só observados, mas também experienciados por nós, e essa experiência gerou uma reflexão e um espelho de opostos, quase como se fossem pistas a partir da infância em lugares opostos, para pensarmos todos sobre uma ideia de oposto filosófico: sobre como vivemos, como nos relacionamos com a natureza, com os outros, as nossas necessidades, rotinas e sonhos [15].*

Nos livros da coleção “Poka Pokani”, mais importante do que o texto, limitado ao essencial e parecendo apenas conduzir os leitores pelos diferentes aspetos do quotidiano das protagonistas através das emoções das mesmas, surge a ilustração, com contornos surpreendentes, como adiante explanaremos.

Creemos que o projeto Encontros, para além da vertente pedagógica, assume uma dimensão de compromisso social, económico e ambiental, como demonstram a passagem pelo campo de refugiados em Moçambique; as vivências na aldeia indígena de Kararaô, ameaçada pela construção de uma central hidroelétrica em Belo Monte, no rio Xingu; e o elogio do equilíbrio ambiental e da beleza natural da ilha de Atecrú, onde as crianças aprendem a pescar com apneia, utilizando óculos construídos com materiais reciclados. Salientando a importância assumida pela narrativa verbal e visual junto dos participantes dessas diferentes comunidades, o caso especial da situação vivenciada pelo grupo de Moçambique é referenciado por Margarida Botelho da seguinte forma:

*Desenhei um projecto de literacia comunitária com base na ideia que a experiência de construir um livro (literalmente) com a nossa história de vida fornece-nos mais ferramentas para entendermos quem somos e o mundo que nos rodeia. Em algumas situações limite ajuda a sobreviver: treinando competências que podem ser determinantes no desenvolvimento social e económico de comunidades muito pobres. A partir da*

*ideia de planificação e de story board, todos os participantes trabalharam comigo num ritmo diário, recebendo um livro em branco, lápis, pincéis e tintas, com uma grande liberdade de expressão, escreviam em português ou em línguas locais e ilustravam a sua história. No final, os livros eram apresentados à comunidade numa exposição/festa e passavam a pertencer a uma ‘biblioteca comunitária’. [15]*

Os livros da coleção “Poka Pokani”, saudação utilizada na língua macua do norte do Moçambique pelo contador de histórias e pela sua audiência, são fruto da vivência da autora com as comunidades com quem (con)vive e trabalha, num quotidiano de verdadeiro diálogo intercultural e de respeito pelo Outro. Este aspeto aponta para a questão da “autenticidade cultural” que costuma ser um componente crítico quando abordamos a problemática dos livros ilustrados multiculturais. Sendo um debate de contornos complexos e inacabados, como o comprovam os vários autores que vêm dissertando sobre essa questão [16] [17], retemos aqui as propostas de Kathy Short [18] - “Cultural authenticity can be defined as the extent to which a book reflects the world view of a specific cultural group along with the authenticating details of language and everyday life” - e de Yoo-Lee et al. [17] - “cultural authenticity comprises not only the absence of stereotypes but also the presence of values consistent with a particular culture and the accuracy of cultural details in text and illustrations”.

Neste sentido, a autenticidade cultural tem a ver com a forma como um livro representa uma cultura, colocando-se por consequência a questão de como é que alguém exterior a uma dada cultura é capaz de a retratar de uma maneira precisa e com verdade? Esta pergunta é também colocada por Brenda Yamakami [13], que, baseando-se em diversos investigadores, assinala o facto de que um autor que escreva com sensibilidade e que faça a pesquisa necessária sobre o contexto e a cultura, conseguirá escrever sobre essa mesma cultura. Naturalmente que apenas um livro - e ainda por cima com reduzido número de páginas, como é o caso dos livros para crianças - dificilmente consegue representar a complexidade e a multidimensionalidade de uma cultura, mas o autor pode procurar, através da sua experiência pessoal, aproximar-se de uma maior autenticidade, transmitida, nome-

adamente, através das ilustrações. Notamos que esta preocupação está presente em Margarida Botelho:

*Eu olho para o outro pela maneira como o outro olha para mim, é um processo de aprendizagem horizontal, para além dos livros/ diários que são produzidos durante a minha estadia. Tento entrar o mais possível dentro da rotina da comunidade: tarefas diárias como cultivar alimentos, ir buscar água, cozinhar, pescar, conversar, brincar fazem parte de um processo muito rico de troca e encontro. Esse é talvez o meu maior compromisso com as pessoas com quem estou (onde eu própria me incluo): um respeito pela sua cultura e pelos seus valores, o oposto de uma proposta impositiva, invasiva, alfabetizadora. [15]*



**F.1** As duas entradas (“capas”) no livro *Lya / Lia* (2014).

Foto de Mário Rainha Campos, em <http://www.margaridabotelho.com/pt/lyalia-the-book/>

### 3.1 · A ilustração na coleção “Poka Pokani”: uma janela cultural

O estilo, segundo a definição de Nodelman [19], significa “all the aspects of a work of art considered together”. E, como refere Lawrence Sipe [20], nos “picturebooks” a importância da sinergia criada entre as imagens e as palavras faz com que o resultado final seja mais importante do que a soma dessas duas partes. É exatamente esta sinergia que confere valor a “todos” os elementos dos livros da coleção Poka Pokani, tornando-a numa importante janela cultural para as crianças.

Através de frases curtas, que muitas vezes colocam as personagens em diálogo, mas sobretudo pelas ilustrações, com características específicas, as crianças contactam com figuras que lhes abrem novas perspectivas sobre o mundo, sobretudo com o quotidiano de outras crianças vivendo noutros lugares.

Em *Eva/Eva*, os aspetos do quotidiano privilegiados são os

que ocorrem dentro da habitação, da escola e na rua, dando-se particular relevância ao momento da refeição e do recreio. Embora uma das meninas tenha que ir buscar a água e a outra não precise de sair de casa para tomar banho, o entusiasmo com que as crianças se referem à água é semelhante. O mesmo parece acontecer no momento da refeição, embora, no caso da ação passada em África todos tenham que participar na sua confeção, realizando diferentes tarefas (buscar lenha, descascar amendoins, ralar o coco, pilar a farinha), e, no caso da menina europeia, se aqueça no micro-ondas comida congelada. Apesar de as crianças europeias comprarem no supermercado os brinquedos e os meninos moçambicanos os construírem a partir de materiais reciclados, a alegria das crianças é a mesma, não parecendo haver qualquer intenção moralizadora na forma como são apresentadas as diferentes realidades. Parece evidente apenas o facto de se pretender retratar, com um elevado grau de realismo, decorrente das condições em que estes livros surgem, a forma de viver de crianças da mesma idade, mas em contextos socioculturais distintos.



Em Yara/Iara e Lya/Lia o percurso proposto é similar. Por exemplo, no primeiro livro vemos a personagem Iara a começar o seu dia comendo os cereais, depois com os seus colegas na escola (onde aprende coisas sobre a região da Amazónia), a brincar com os amigos no parque (espaço controlado e delimitado) e a jogar “playstation”; no final do dia temos a sua festa de aniversário, com o bolo e velas para apagar. Na Amazónia, Yara come os alimentos que encontra na natureza, aprende a pescar, brinca na floresta com as amigos (espaço aberto) e participa numa festa.

As cores predominantes dão também o tom do ambiente em cada contexto retratado: os castanhos, os azuis, os verdes que

F.2 Ilustração de Eva / Eva. O momento da refeição.



**F.3** Ilustração de Yara  
/ Iara. Brincadeiras na  
Amazónia.

se encontram nos espaços abertos e naturais de Moçambique, Amazónia e Timor, por contraste com o ambiente que serve de contraponto em cada livro, marcado sobretudo por uma presença constante de elementos que remetem para o quotidiano cidadão da sociedade ocidental. Neste sentido, temos a presença determinante de vários electrodomésticos, televisão e computador, fileiras de edifícios, etc.

Nos três livros as ilustrações vão mostrando estas realidades, criando empatia entre leitor e personagens. Essa empatia é ampliada em particular pelo recurso a uma técnica mista, onde tem destaque o uso de fotografias reais, a partir das quais Margarida Botelho cria as personagens, como é possível verificar a partir das ilustrações aqui apresentadas. Desta forma, os leitores vêem para lá dos traços desenhadas no papel, já que essas figuras remetem para pessoas concretas. A autora justifica da seguinte forma as suas opções:

*Os livros são um pouco como filmes documentários, daí também ter optado por ilustrações com um formato panorâmico. A fotografia remete para o que é real, e por isso o livro tem a fotografia dentro da fotografia, (os personagens de corpo fictício têm a sua fotografia no rosto). Penso que esta opção reforça o lado biográfico e documental da proposta narrativa. [15]*

Margarida Botelho trabalha ainda com outros materiais, de texturas diversas (papel, tecido, entre outros), contribuindo para a intensificação da vertente documental. A criação de cenários a partir desses diferentes materiais, como base para as ilustrações dos livros, criam uma ilusão tridimensional, estando também em estreita conexão com a intenção de um registo quase antropológi-

co, facultando desta forma uma verdadeira “janela” para outras culturas. Esses cenários acentuam também a ação narrativa e o movimento, já que a dupla página permite ao leitor visualizar várias personagens em simultâneo a realizarem diferentes atividades ou a participarem num acontecimento coletivo.

O “drama” do virar da página, num “picturebook”, de que nos fala Sipe [20], no caso destes livros situa-se sobretudo na zona de confluência entre as duas “histórias” que o leitor descobre em cada livro: como é que as duas personagens, com nomes iguais se vão encontrar? Como se faz a passagem de um continente para outro? A ilustração associa-se agora à vertente de jogo, ampliando a dimensão multimodal do livro ilustrado. E no volume Eva/Eva, a “janela cultural”, a um tempo real e simbólica, é ainda sublinhada pelo ecrã de televisão a partir do qual ambas as personagens também se “vêm”.

### **3 · Reflexões Finais**

Tomando em consideração a forte interdependência que existe num “picturebook” entre o texto verbal e o texto visual, podemos considerar que na coleção “Poka Pokani” essa aliança contribui de forma decisiva para uma literacia multicultural. No contexto atual, marcado pela necessidade de compreensão e de respeito face à diversidade cosmopolita, próxima e distante, os três álbuns ilustrados aqui examinados, permitem uma aproximação positiva a essa diversidade. De facto, através destes livros, os pequenos leitores aprendem pelas palavras, mas sobretudo através das imagens “as representações que moldarão, de alguma forma, a tomada de consciência e o conhecimento social do Outro” [21]. Situando-se na confluência entre o álbum narrativo e o livro informativo, estes livros permitem à criança viajar entre o próximo e o distante, constituindo uma fonte significativa para a compreensão e o diálogo intercultural. Finalizamos recordando as palavras de Banks: “educational equality, like liberty and justice, is an ideal toward which human beings work but never fully attain. (...) When prejudice and discrimination are reduced towards one group, they are usually directed toward another group or take new forms” [22].

## 4 · References

1. Nussbaum, M.: *Cultivating Humanity: A Classical Defense of Reform in Liberal Education*. Cambridge, MA: Harvard University Press (1997)
2. Arizpe, E. e Styles, M. . *Children Reading pictures: Interpreting visual texts*. Londres: Routledge Falmer (2003)
3. Botelho, M.: *Eva / Eva*, Edição de Autor (2010)
4. Botelho, M.: *Yara / Iara*, Edição de Autor (2012)
5. Botelho, M.: *Lya / Lia*, Edição de Autor (2014)
6. Morgado, M., & Pires, N.: *Educação intercultural e literatura infantil- Vivemos num mundo sem esconderijos*. Colibri. Lisboa (2010)
7. Balça, Â.: “Era uma vez...” da Literatura Infantil à Educação para a Cidadania. In Fernando Azevedo, Joaquim M. Araújo, Cláudia S. Pereira, Alberto F. I. Araújo (Ed.), *Imaginário, Identidades e Margens – Estudos em torno da Literatura Infante-Juvenil*. Vila Nova de Gaia: Gailivro, pp. 478–485 (2007)
8. Bastos, G.: *Images de l’Orient dans la Littérature de Jeunesse au Portugal*. Actas do Colóquio Internacional Orient et Occident/ East Meets West in Istambul (2008)
9. Gomes, J. A.: *Literatura para a infância e a juventude entre culturas*. [http://www.casadaleitura.org/portalfbeta/bo/documentos/ot\\_JAG\\_intercultu\\_a.pdf](http://www.casadaleitura.org/portalfbeta/bo/documentos/ot_JAG_intercultu_a.pdf)
10. O’Neil, K.: *Once Upon Today: Teaching for Social Justice with Postmodern Picturebooks*. *Children’s Literature in Education*. 41, 40–51 (2010)
11. Delors, J. et al: *Educação, um Tesouro a Descobrir*. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI. Porto: Edições Asa (1996)
12. UNESCO: *Guidelines on Intercultural Education*. <http://unesdoc.unesco.org/images/0014/001478/147878e.pdf>
13. Yamakami, B. K.: *Interpretations of history and culture in japanese - and chinese -canadian picturebooks: a new historical approach*. Master thesis, University of British Columbia (2010), [https://circle.ubc.ca/bitstream/handle/2429/23488/ubc\\_2010\\_spring\\_yamakami\\_brenda.pdf?sequence=11](https://circle.ubc.ca/bitstream/handle/2429/23488/ubc_2010_spring_yamakami_brenda.pdf?sequence=11)
14. Margarida Botelho: “Projecto Encontros” <http://www.margaridabotelho.com/pt/what-is-encontros/>.
15. Brites, A.: *Eu sou o Outro*. *Blimunda*, 14, 24–39 (2013)

16. Short, K. and Fox, D.: The Complexity of Cultural Authenticity in Children's Literature: A Critical Review. National Reading Conference Yearbook 53, pp. 373- 384 (2003)
17. Yoo-Lee et al.: Evaluating Cultural Authenticity in Multicultural Picture Books: A Collaborative Analysis for Diversity Education. *Library Quarterly: Information, Community, Policy*. 84 (3), pp. 324-347 (2014)
18. Short, K.: Ethics and Cultural Authenticity in International Children's Literature, 30th IBBY Congress, Macau 20-24 September 2006. <http://www.ibby.org/index.php?id=675> (2006)
19. Nodelman, P.: Words about pictures. The narrative art of Children's picture books. University of Georgia press, Athens & London (1988)
20. Sipe, L.: The art of the picture book. In Wolf, S., Coats, K., Enciso, P., Jenkins, C. (eds.). *Handbook of research on children's and young adult literature*. Routledge, New York & London, pp. 238-252 (2011)
21. Tomé, M. da C., & Bastos, G.: A ilustração na literatura para jovens: a imagem do Outro. Actas do 8 encontro nacional \ 6 internacional de investigação em leitura, literatura infantil & ilustração. Braga: CIEC - Centro de Estudos da Criança da Universidade do Minho, pp. 90-112 (2010)
22. Banks, J.: Multicultural education. Characteristics and goals. In J. Banks C. A. and Banks (Ed.). *Multicultural Education: issues and perspectives*, 7th ed, Wiley, New Jersey, pp. 3-30 (2009)